

TEATRO NA LAVANDARIA



EXPO 40 anos+1 TEATRO DA RAINHA

4 a 30 de Julho
das 10h às 21h
Céu de Vidro

LUZ NAS TREVAS, de Bertolt Brecht

M/12 | 1h20m

FICHA ARTÍSTICA

Tradução e encenação: **Luís Varela**

Cenografia: **José Carlos Faria**

Figurinos: **Manuela Bronze**

Música original: **Alexandre Branco Weffort**

Desenho de luz: **Hâmbar de Sousa**

Desenho de som: **Francisco Leal**

Telão de fundo e pinturas: **Fernando Travassos e Bartolomeu Gusmão**

Interpretação: **Fábio Costa, Hâmbar de Sousa, Inês Barros, Isabel Lopes, José Carlos Faria, Mafalda Taveira, Nuno Machado, Tiago Moreira, Alexandra Sofia Rosário, Célia Franca, Fernando Rodrigues, Filipe Ferreira, Maria Isabel Oliveira, Vítor Duarte, Carlota Rodrigues*, Mariana Santos, Mariana Silvério*, Nando Tomás* e Kamilly Luz Rocha**

Formação musical: **Rúben Leiria** (clarinete), **João Heliodoro** (saxofone tenor), **Alberto Valongo** (guitarra eléctrica), **Francelino Silva** (bateria) e o actor **Tiago Moreira** (guitarra eléctrica)

Criação de imagem e design gráfico: **José Serrão**

* Estagiários da Licenciatura em Teatro da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha.

FICHA TÉCNICA

Coordenação técnica: **Hâmbar de Sousa**

Coordenação de produção: **Ana Pereira**

Produção executiva: **Rebeca Vendrell**

LUZ NAS TREVAS

de **Bertolt Brecht**

encenação de **Luís Varela**

14 a 21 de Julho | 21h30
Ruína da antiga Casa da Cultura



Construção cenográfica: **Joel Pereira**

Assistência na execução dos figurinos: **Manuela Ferreira**

Montagem cenográfica: **Joel Pereira, Gil Pereira, Raquel Capitão e Pedro Machado**

Montagem de luz e som: **Raquel Capitão, Pedro Machado e Hâmbar de Sousa**

Operação de luz: **Raquel Capitão**

Operação de som: **Francisco Leal**

Comunicação: **Henrique Fialho, Nuno Machado e Mariana Santos****

Fotógrafos residentes: **Margarida Araújo e Paulo Nuno Silva**

Secretariado: **Teresa Almeida**

** Estágio curricular no âmbito da licenciatura em Comunicação Social, da Escola Superior de Educação de Viseu.

Direcção artística: **Fernando Mora Ramos**

Apoio à comunicação: **ANTENA 2** **JORNAL CALDAS** **91FM**

Agradecimentos: **União das Freguesias de Caldas da Rainha – N.ª S.ª do Pópulo, Coto e São Gregório; Teatro Nacional São João; Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha; Palco e Bancada; Patrícia João Carvalho; Pedro Enxuto.**



“Faça-se luz! Educação e informação do povo.”

Na rua dos bordéis, Paduk ergue uma tenda com a putativa intenção de educar o povo sobre doenças venéreas. «Blenorragia, 1 marco! Cancro duro, 1 marco e 60! Sífilis, 2 marcos e 50!» O negócio vai de vento em popa. Um projecto meticulosamente apontado aos antros do vício afasta a clientela da luxúria, aumentando a bicha para exposições tão persuasivas que até levam ao vômito. Entrevistado por um repórter, Paduk garante não ter outro propósito senão a filantropia. Um capelão, presidente da Associação dos Companheiros Católicos, visita a tenda com um séquito de almas tementes a Deus a quem Paduk pregará um eloquente discurso sobre os malefícios da prostituição. Ao constatar quebras no negócio, Madame Hogge, proprietária de um prostíbulo, confronta Paduk com a mais elementar lógica do mercado: «você quer destruir a raiz da infecção, a própria prostituição. Assim, você quer destruir a sua própria raiz, a base do seu negócio.» Portanto, há que encontrar uma solução que a ambos seja vantajosa.

Sou um homem das luzes

Escrita em 1919, *Lux in tenebris* ocupa um lugar de destaque entre as peças breves do jovem Brecht (1898-1956). Nela se expõe, pela primeira vez, o modo como se processam os negócios numa sociedade capitalista. Influenciado pelo cinema de Charlie Chaplin e pelo teatro cómico de Karl Valentin, Brecht explora nesta peça um tópico que lhe será caro: o bordel. Foi, de resto, um espaço que conheceu bem por experiência própria. Da mesma forma, cedo se familiarizou com os mecanismos mais hipócritas da publicidade. Aos 18 anos, quase acabou expulso da escola por considerar propaganda fácil a ideia de Horácio sobre o dever de cada um defender a pátria. Em 1917, matriculou-se no departamento de filosofia da Universidade Ludwig Maximilian em Munique. Aí estudou texto dramático com Arthur Kutscher, iniciando-se posteriormente na crítica teatral. Baal, a primeira das suas peças mais relevantes, surgiu por essa altura, tal como um conjunto de pequenas peças de que *Luz nas trevas* é exemplo. Outras são *O casamento do pequeno burguês*, *O mendigo* ou *o cachorro morto* e *Ele expulsa um diabo*.

Sendo certo estarmos numa fase ainda primordial de um percurso extraordinário no contexto da criação teatral, nuclear na história do teatro no século XX, também não deixa de ser verdade que em *Luz nas trevas* medram já as sementes de um teatro empenhado na transformação da sociedade. Na sua simplicidade, esta pequena peça denota uma notável subtilidade na leitura das relações sociais, dos interesses, proveitos, lucros, vantagens e conveniências que dão forma a essas relações. «Simplicidade, porém, não significa primitivismo», escreveu o próprio Brecht. Note-se, a título de exemplo, como os poderes vão desfilar pela barraca de Paduk: da comunicação social ao fiscal da câmara, passando pela igreja e o povo em geral. A simplicidade, neste caso, cumpre o papel didáctico que permite ultrapassar a oposição entre aprender e divertir. «O teatro não deixa de ser teatro, mesmo quando é didáctico; e, desde que seja bom teatro, diverte.» (In *Teatro recreativo ou teatro didáctico?*)

Madame Hogge: Você é mesmo um homem sem consciência!

Paduk: É muito lisonjeiro da sua parte.

Encenada em 1975 por Luís Varella, *Luz nas trevas* é agora revisitada com um novo propósito. Revela o encenador: «quis fazer um espectáculo que, divertindo, permitisse interpelar o estado das coisas, no plano da política, dos grandes movimentos da sociedade, da violenta batalha ideológica em curso e das recentes alterações do capitalismo aceleradas pela hegemonia do novo pensamento neo-liberal, monetarista. *Luz nas trevas*, como o enceno, permite essa abordagem.» E nessa abordagem é-nos possível redescobrir em figuras com mais de

um século um tempo que também é o nosso, movido por lógicas mercantis sem qualquer tipo de escrúpulo em matéria de valores éticos e morais. Vale o lucro, manifeste-se ele como se manifestar. A fama, o sucesso, a soberba, a ganância, a avidez, têm as suas motivações ínvias e insidiosas. Paduk é disso exemplo.

Por sua vez, a figura do repórter é paradigmática de um novo mundo em franca expansão nos idos de 1919, esse mundo rendido à retórica do discurso publicitário que veio para ficar. Ontem como hoje, não importa a verdade da notícia, mas antes a história vendida e o proveito que das vendas advém. Mais do que o flagelo social da prostituição, mais do que as doenças causadas pelo sexo desregulado – Aumentam casos de doenças sexualmente transmissíveis, lia-se no Público há coisa de dois meses –, mais do que os vícios ou as virtudes por detrás das acções, na entrevista do repórter sobressai a eficácia de um negócio sensacionalista. «O que eu pergunto é como resulta junto do público», questiona o repórter. «O melhor possível», responde-lhe Paduk. «Por vezes chega ao vômito e há mesmo quem desmaie.» Excepcional resumo do status quo noticioso passado um século e alguns trocos, rendidas que prosseguem as massas ao sensacionalismo mais abjecto e grotesco exibido diariamente em horário nobre.

Falemos, antes de mais, de rentabilidade e perspectivas

Não deixam igualmente de ser curiosas as referências ao cinema que a peça contém. Logo no início, uma mulher na bicha para a exposição sobre doenças venéreas diz que normalmente, às quintas-feiras, vai ao cinema. E a terminar, Paduk sugere que podia abrir uma sala de cinema e projectar filmes educativos. Estávamos em 1919, lembremos, e alguns desses filmes destinados a promover a educação sexual dos povos terão inspirado Brecht a escrever a peça. A sétima arte impunha-se, naquele tempo, como uma arte altamente lucrativa, os filmes substituíam os espectáculos de variedades, a indústria cinematográfica adquiria estatuto junto das forças do poder organizando-se sob formas monopolistas e de cartel (leia-se a *História do Cinema Mundial*, de Georges Sadoul). De resto, a percepção do potencial propagandístico desta linguagem em ascensão ficará posteriormente bem patenteada, na Alemanha do III Reich, com a obra de Riefenstahl. Há, pois, uma capacidade de observação das dinâmicas históricas e sociais neste “teatro da simplicidade” que o afastam por completo de uma ideia de mero entretenimento sem substância.

Ao supramencionado acresce a inclusão, na actual encenação, de um conjunto diverso de canções e de poemas brechtianos, musicados ou rearranjados por Alexandre Branco Weffort, que introduzem novas inflexões no curso narrativo da peça original. Explica o encenador Luís Varella que «com as “songs”, nós tentamos, sem vergonha, acrescentar espaço e tempo para o espectador pensar e criticar e não temos medo de afirmar que há, em certa medida, uma dimensão pedagógica neste espectáculo, em homenagem, de resto, aos princípios do teatro épico. Portanto, sim, tentativa de conciliar crítica social e política com divertimento. Em prejuízo de um sentido satírico mais elementar. Assim consigamos.» Esta “peça de juventude” de Bertolt Brecht conhece, deste modo, uma nova configuração em 2026, com as canções/poemas a proporcionarem momentos de interlúdio no fio condutor da narrativa. À laia de coro, por assim dizer, as canções como que inserem momentos de suspensão reflexiva e de comentário à acção, a partir de algumas linhas de força implícitas no texto original, e que vão das «referências literárias e poéticas do jovem Brecht naqueles anos de juventude (François Villon, Rimbaud, Büchner, Wedekind...), [a]o funcionamento do capitalismo, o universo da prostituição, a luta pela sobrevivência do homem na cidade (...).»

Nota: para mais informações poderá consultar entrevista a Luís Varella in <https://teatrodarainha.pt/uma-conversa-som-luis-varella-a-proposito-de-luz-nas-trevas/> →

